

DIÁLOGO COM LIDERANÇAS INDÍGENAS SOBRE AS ESPECIFICI- DADES SOCIOCULTURAIS DO CICLO GRAVÍDICO PUERPERAL DE MULHERES INDÍGENAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rizioléia Marina Pinheiro Pina¹

Ingrid Lima Silva²

Julia Lopes Pereira³

Renan Serrão dos Santos⁴

Esron Soares Carvalho Rocha⁵

INTRODUÇÃO

No Brasil, a assistência à saúde dos povos indígenas é marcada por profundas desigualdades sociais que refletem o legado colonial, o preconceito e a marginalização dessas populações. Durante séculos, os indígenas foram alvo de políticas assimilacionistas, que ignoravam suas práticas tradicionais de cuidado e os subordinavam a uma visão biomédica dominante. Somente com a Constituição Federal de 1988 os povos indígenas

1 Enfermeiro, Doutora em Enfermagem, Docente da Escola de Manaus da Universidade Federal do Amazonas UFAM. E-mail: rizioleia@ufam.edu.br

2 Enfermeira, Mestranda do Programa de Pós-graduação Enfermagem no Contexto Amazônico/PPGENF-MP/UFAM. E-mail: ingriddiscipula@hotmail.com

3 Enfermeira, Mestranda do Programa de Pós-graduação Enfermagem no Contexto Amazônico/PPGENF-MP/UFAM. E-mail: Juliapereiraenf@gmail.com

4 Enfermeiro do Distrito Sanitário Especial Indígena de Manaus-DSEI/MAO. E-mail: renanurucara@gmail.com

5 Enfermeiro Doutor em Enfermagem, Docente da Escola de Enfermagem de Manaus da Universidade Federal do Amazonas UFAM. E-mail: erocha@ufam.edu.br

passaram a ser reconhecidos como sujeitos de direitos, inclusive o direito à saúde diferenciada, o que marcou um importante avanço na legislação brasileira (SANTOS; PINTO; SALOMÃO, 2025).

Conforme Santos, Pinto e Salomão (2025), a criação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI-SUS), dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), reconheceu que é necessária uma atenção específica e intercultural para as populações indígenas. Portanto, essa estrutura é organizada por Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs), que integram ações de atenção básica, vigilância em saúde, promoção e prevenção, enfatizando e considerando os saberes tradicionais em conjunto a participação das comunidades nos processos de cuidado.

A construção de um cuidado em saúde que contemple as necessidades dos povos originários exige o rompimento com práticas colonizadoras ainda presentes, o que implica para os profissionais de saúde adotar uma abordagem intercultural e anticolonial, que vá além da tolerância à diversidade e busque o reconhecimento e a valorização dos saberes, práticas e modos de vida dos povos indígenas como legítimos e constitutivos do cuidado. A perspectiva anticolonial é fundamental para desnaturalizar a imposição histórica de um modelo único de saúde, fruto da colonização, que tende a marginalizar e silenciar outras formas de viver, adoecer e cuidar (AGUILA *et al.*, 2025).

O ciclo gravídico-puerperal traduz uma experiência afirmativa e fortalecedora no curso existencial de mulheres, mas pode também incorrer em eventos adversos e resultar em mortalidade materna e infantil. Sob esse enfoque, a saúde materno-infantil é considerada prioridade global e um dos serviços essenciais de saúde pública para o alcance dos ODS. Nesse processo de discussões e alinhamentos assistenciais com gestantes e puérperas é preciso considerar, todavia, costumes, crenças e práticas culturalmente aceitas e significativas para cada grupo populacional (BOER *et al.*, 2024).

No que se refere ao acesso ao pré-natal e aos cuidados qualificados no parto e puerpério encontram-se intimamente relacionados à organização e à estrutura da Atenção Primária em Saúde, assim como se associam

à redução das desigualdades e à promoção da justiça social. Essas diretrizes aproximam-se, também, dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), ao conceber a equidade, a universalidade e a integralidade na atenção à saúde como meta para o alcance de resultados significativos tanto no âmbito individual quanto no coletivo (BOER *et al.*, 2024).

A mortalidade materna é um indicador importante da qualidade dos serviços de saúde e das condições de vida de uma população. Entre os diferentes grupos populacionais, as mulheres indígenas apresentam taxas desproporcionalmente altas de mortalidade materna evidenciando profundas desigualdades sociais, econômicas e de acesso à saúde, essas disparidades refletem o impacto cumulativo de condições estruturais adversas que afetam a saúde materna em contextos urbanos e rurais (SANTOS *et al.*, 2025).

Nessa perspectiva, são necessários estudos que contemplem a saúde de mulheres indígenas no ciclo gravídico puerperal, como o estudo em desenvolvimento que favoreceu a vivência de pesquisadores em território indígenas, além de possibilitar o conhecimento das demandas e expectativas de lideranças indígenas acerca do estudo em andamento que optou em conhecer os aspectos socioculturais que envolvem o ciclo gravídico puerperal de mulheres indígenas.

OBJETIVO

Relatar a experiência de pesquisadores na coleta de dados em território indígena, por meio do diálogo com lideranças indígenas, sobre as especificidades socioculturais que envolvem o ciclo gravídico-puerperal de mulheres indígenas da Etnia Mura da Aldeia Murutinga.

MÉTODO

Estudo descritivo, do tipo relato de experiência, desenvolvido a partir da vivência de campo ocorrida nos meses de abril e junho de 2025, com a participação ativa de docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

A experiência foi vivenciada durante a entrada em campo para início da coleta de dados da pesquisa intitulada *“Especificidades socioculturais do ciclo gravídico-puerperal de mulheres indígenas”*, cujo objetivo principal consiste em conhecer as particularidades desse ciclo em mulheres indígenas, com vistas à proposição de estratégias prospectivas voltadas à promoção e proteção da saúde de forma multidimensional.

A roda de conversa durou cerca de 80 minutos, com apresentação da equipe, das questões éticas da pesquisa, estratégias para coleta de dados e público-alvo. A equipe de pesquisa iniciou um diálogo com as lideranças indígenas (professora da escola indígena, a cacique e a presidente da associação de mulheres).

A EXPERIÊNCIA: DO DIÁLOGO DE PESQUISADORES E LIDERANÇAS INDÍGENAS ÀS DEMANDAS EDUCAÇÃO EM SAÚDE

A experiência e o aprendizado das pesquisadoras(os) ocorreram na primeira entrada em campo para coleta de dados por meio de rodas de conversa com três mulheres que possuem o título de liderança indígena da Etnia Mura da Aldeia Murutinga, a saber: a cacique da Aldeia, uma professora da escola indígena e a presidente da associação de mulheres. A roda de conversa teve a finalidade de apresentar a equipe de pesquisa, bem como todas as autorizações para entrada em campo, aprovação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, objetivos do estudo, métodos e técnicas de coleta de dados.

A Aldeia Murutinga está localizada na zona rural do município de Autazes, cerca de 100km de Manaus/AM, e abriga uma comunidade indígena da Etnia Mura com mais de mil pessoas indígenas que residem em uma área de difícil acesso, o que exige deslocamentos por via fluvial e terrestre. Portanto, essa condição evidencia os desafios logísticos impostos pelas características geográficas e estruturais da região.

Na Aldeia Murutinga há um Polo Base que é uma unidade de atendimento à saúde indígena, com atuação de uma equipe multiprofissional de saúde, a saber: enfermeiro, médico, técnico de enfermagem e agente indígena de saúde (Figura 1).

Figura 1 - Polo Base, Etnia Mura.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

A experiência ocorreu durante a entrada em campo para coleta de dados, porém esse relato tem como foco o diálogo e os aprendizados apreendidos durante a roda de conversa entre pesquisadores e lideranças indígenas. Para Daltro e Faria (2019), o relato de experiência é uma modalidade de cultivo de conhecimento no território da pesquisa qualitativa, concebida na reinscrição e na elaboração ativada através de trabalhos da memória, em que o sujeito cognoscente implicado foi afetado e construiu seus direcionamentos de pesquisa ao longo de diferentes tempos, e, finalmente, apresentará suas compreensões a respeito do vivido.

A roda de conversa entre pesquisadores e lideranças indígenas, a priori, tinha como finalidade apenas a apresentação da equipe de pesquisadores e das questões éticas da pesquisa, porém o diálogo aberto e a escuta atenta às demandas da liderança indígena favoreceram a equipe na identificação das expectativas indígenas acerca da presença dos pesquisadores em terras indígenas e do estudo em andamento realizado com mulheres indígenas (Figuras 2 e 3).

Figuras 2 e 3 - Roda de conversa com liderança indígena e pesquisadores.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 4 - Momento de conversa com as Mulheres líderes indígenas.



Fonte: arquivo pessoal, 2025.

A sistematização da experiência teve como base as anotações de campo, as observações diretas e as reflexões éticas e profissionais. Todo o processo foi conduzido com respeito aos princípios da interculturalidade,

priorizando o diálogo horizontal com os saberes tradicionais e reconhecendo a legitimidade das práticas de saúde locais.

O diálogo intercultural expressou as expectativas de três mulheres líderes indígenas acerca das necessidades identificadas durante o exercício da liderança na Aldeia Murutinga. As lideranças indígenas contribuíram para o estudo ao apontar sugestões e estratégias para a coleta de dados, como o melhor horário para reunir as gestantes e puérperas, além disso expressaram a necessidade de que as ações de educação em saúde fossem intensificadas na Aldeia Murutinga.

Os temas sugeridos para ações de educação em saúde na escola, na associação de mulheres indígenas Mura e em reuniões com gestantes e puérperas foram: Orientações acerca da importância do pré-natal a fim de incentivar gestantes a não faltarem às consultas, cuidados no pós-parto, cuidado com o recém-nascido, cuidado com o corpo, prevenção da gravidez na adolescência, além de cursos de capacitação de parteiras.

Nesse sentido com foco nas demandas apresentadas pelas lideranças indígenas é premente a necessidade de a enfermagem ampliar o olhar para o desenvolvimento de ações de educação em saúde, numa concepção que transcenda os determinantes biológicos, considerando as particularidades dos indígenas, bem como seu contexto cultural (Pina, 2017).

A experiência dos pesquisadores, evidenciou que as mulheres indígenas em posição de liderança, relataram a importância da educação em saúde como ferramenta para prevenção de agravos e promoção da saúde durante a gestação e o puerpério, o que reforça a importância do diálogo entre pesquisadores e lideranças indígenas na perspectiva de que a coleta de dados possa ser um espaço não apenas para extração de dados, mas também de diálogo aberto e escuta atenta às demandas da população indígena.

A entrada em campo para a coleta de dados que favoreceu a elaboração desse relato de experiência, está em conformidade com os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que define as diretrizes para pesquisas envolvendo seres humanos, além de observar as disposições da Resolução nº 304/2000, que estabelece normas específicas para a realização de pesquisas em comunidades

indígenas, garantindo o respeito à cultura, aos valores e à autonomia dos povos originários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de coleta de dados em território indígena, conduzida por meio do diálogo respeitoso com mulheres líderes da etnia Mura, evidenciou a riqueza e a complexidade das especificidades socioculturais que permeiam o ciclo gravídico-puerperal de mulheres indígenas.

O diálogo com as lideranças revelou não apenas os saberes tradicionais que envolvem a gestação, o parto e o puerpério, mas também os desafios enfrentados diante da interação com os serviços de saúde convencionais e da necessidade de ações de educação em saúde em contexto intercultural que considere as evidências da realidade local.

A escuta qualificada permitiu identificar práticas de cuidado próprias da comunidade, bem como barreiras de acesso e comunicação que ainda persistem no atendimento institucionalizado. A valorização desses saberes, aliada à implementação de ações culturalmente sensíveis por parte dos profissionais de saúde, se mostra fundamental para a promoção de um cuidado integral e respeitoso às mulheres indígenas.

Portanto, a interlocução estabelecida durante a pesquisa reafirma a importância do reconhecimento do protagonismo feminino indígena na construção de estratégias de saúde que respeitem as especificidades étnicas, sociais e culturais. Os resultados obtidos contribuem para a reflexão crítica sobre a necessidade de incorporar a interculturalidade como princípio orientador das políticas públicas de saúde materna em contextos indígenas.

REFERÊNCIAS

AGUILA, Raquel Garcia; MONTEIRO, Flávia Paula Magalhães; NASCIMENTO, Maria Gabriele Maciel do; SOUSA, Leilane Barbosa de. Diálogos entre educação popular em saúde e povos originários nos países lusófonos: os caminhos para uma prática de enfermagem decolonial. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 22, n. 9, p. 1-15, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.54033/cadpedv22n9-153>.

BOER, Lubiane; SOUSA, Francisca Georgina Macedo de; PINA, Rizioléia Marina Pinheiro; POBLETE, Margarita; HAEFFNER, Léis Salete Bonfanti; BACKES, Dirce Stein. Vivências de mulheres indígenas acerca do ciclo gravídico-puerperal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 77, supl. 2, p. e20230410, 2024. Suplemento: Enfermagem e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2023-0410>.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 232-249, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/38886>.

PINA, Rizioléia Marina Pinheiro. O cuidado à saúde da população indígena Mura de Autazes-Amazonas: a perspectiva das enfermeiras dos serviços. 2017. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; Universidade Federal do Amazonas, São Paulo, 2017.

SANTOS, Gustavo Gonçalves dos; SILVA, Anderson Lima Cordeiro da; NASCIMENTO, Edson Silva do; VIDOTTI, Giovana Aparecida Gonçalves; BERMEJO-GIL, Beatriz María; LÓPEZ PEDRAZA, Leticia. Contexto da mortalidade materna de brasileiras em idade reprodutiva: estudo ecológico. **Revista Piauiense de Enfermagem**, [S. l.], 2. ed., 2025.

SANTOS, Jacy Horrana Oliveira; PINTO, Emanuel Vieira; SALOMÃO, Ivanilda Rodrigues. A importância da assistência básica de enfermagem em saúde indígena. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE**, São Paulo, v. 11, n. 6, jun. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i6.20149>.

SILVA, Lorrane Santos; SILVA, Lúvia Santos da; MIRANDA, Larissa Duarte; SILVA, Ewelly Thais Sandoval; LIMA, Fernanda Larissa Matos de; SANDIM, Gabriela Marsola; PEREIRA, Laura Larissa Nogueira; CARNEIRO, Richellyda Cordeiro; MIRANDA, Shirley Aviz de. Educação permanente e promoção da saúde dos povos indígenas. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 8, p. e10212832124, 2023. DOI: 10.33448/rsdv12i8.32124. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/32124>.